

Além dos muros escolares: compreendendo a importância da comunidade e do bairro como contexto sociocultural da escola

Filipe Santos BATISTA ¹
Lucas Costa de SANTANA ²
Ana Verena MADEIRA ³

O bairro, ainda que possa ser percebido como uma área territorial limitada, é permeado por complexidades devido à sua natureza enquanto unidade espacial propícia a uma gama diversificada de interações sociais, expressões culturais, choques de valores, solidariedade identitária e subdivisões político-administrativas (Bezerra, 2011). No âmbito desses componentes, os espaços públicos assumem um papel crucial como catalisadores dessas interações sociais, com a escola se destacando como um dos principais locais de socialização para os jovens (Jacobs, 2000).

O espaço escolar, desta forma, se mostra como um importante agente nas transformações sociais do bairro. No entanto, no decorrer da construção do ambiente escolar desenvolveu-se medidas que, buscando compor um isolamento em relação ao ambiente externo, tentam instituir um espaço erudito, com suas próprias regras, lógicas e fechando-se dentro de uma realidade própria. Porém, os muros altos não conseguem impedir a diversidade de pensamentos, valores, crenças e aspectos socioculturais que os próprios estudantes carregam de suas vivências e expressam na medida que se apropriam do espaço escolar (Dayrell, 1996).

Da mesma forma que os estudantes contribuem para a composição multicultural da escola, a influência da comunidade externa também permeia as atividades desenvolvidas no ambiente escolar, dando origem a uma dinâmica complexa que abarca dimensões de transporte, comércio, cultura e interações sociais. Esta dinâmica, vale ressaltar, não opera em uma única direção, mas sim em um intercâmbio recíproco. Sendo assim, a escola exerce sua própria influência sobre os aspectos socioculturais que envolvem seu entorno, impactando tanto a comunidade quanto as famílias dos alunos. Nesse contexto, estabelecer uma conexão sólida entre esses agentes torna-se imperativo para alcançar o sucesso educativo (Sousa, 2010).

¹ Licenciando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Bahia- UFBA, ltype.sab@gmail.com;

² Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, lucasantana027@gmail.com;

³ Orientadora, Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, madeira@ufba.br.

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, Subprojeto Biologia – UFBA, Financiamento CAPES

Portanto, em vista da inerente relação do bairro com a escola, durante os primeiros meses da minha atuação como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Biologia da Universidade Federal da Bahia (Pibid-Bio/UFBA), desenvolvi estudo do contexto sociocultural dos estudantes e das condições de ensino de Biologia no Colégio Estadual Luiz Viana (CELV), como subsídio para o planejamento de atividades didáticas. Esse estudo envolveu uma pesquisa sobre o bairro de Brotas, Salvador/Bahia, onde se situa o CELV, a análise do seu Projeto Político Pedagógico (PPP) e a observação das características da escola. Com isso, objetivei conhecer o espaço em que estava desenvolvendo minhas atividades pedagógicas e formativas, desde o interior escolar, em uma perspectiva estrutural e social, assim como o lado externo, por meio da contextualização do bairro.

Nesta etapa, conduzimos um estudo abrangente abordando aspectos socioeconômicos, históricos, culturais, religiosos, educacionais e ambientais desse bairro Brotas se caracteriza como um bairro bastante populoso, de acordo com o Observassa (2023) em 2010 havia 70.158 habitantes, e que possui uma grande diversidade sociocultural, sendo tanto berço quanto local de passagem de grandes nomes baianos como Castro Alves, o qual morava onde atualmente se encontra o Teatro Solar Boa Vista, e Márcio Vitor, famoso cantor contemporâneo do pagode baiano. Sendo um bairro central da cidade, é popular o ditado soteropolitano “Toda ladeira dá em Brotas”, bem como o reconhecimento de Brotas como uma cidade bairro pela densidade populacional, cultura e independência comercial. No entanto, o bairro é marcado por uma profunda desigualdade social, onde há regiões com padrões socioeconômicos bastante distintos (Observassa, 2023). Com base nessas informações, compilamos, bolsistas PIBID que atuavam no CELV, um material conciso e informativo, na forma de um infográfico que durante a Jornada Pedagógica da escola, foi compartilhado com os professores, gerando um diálogo enriquecedor sobre o contexto específico do bairro e suas nuances.

Considerando a desigualdade social como um dos agentes norteadores da nossa discussão, cabe caracterizá-la como resultado de uma interseção de fatores sociais, incluindo falta de acesso à saúde, ao lazer, à educação e ao trabalho. Sob essa perspectiva multifacetada, a desigualdade social acaba por gerar um terreno propício para o aumento da violência (Macedo, 2001; Cardia, 2002).

Como dito anteriormente, a escola não está isolada dos componentes sociais que constituem o bairro, com isso a vulnerabilidade à violência que ocorre externamente facilmente adentra o espaço escolar.

Desta forma, episódios de violência e suas consequências foram percebidos e vivenciados durante uma das principais atividades desenvolvidas pelo PIBID Biologia no CELV, que é o acompanhamento da rotina escolar, ou seja, observação das aulas, reunião de professores, reunião de pais e intervenções didáticas. Tal vivência da realidade escolar proporciona importantes momentos de diálogos com a teoria, vista tanto nos componentes curriculares como nos espaços de discussão fomentados pelo PIBID, com a prática pedagógica.

Por conseguinte, compreendendo que há variados entendimentos sobre violência, e especificamente violência escolar, utilizaremos os conceitos sistematizados por Priotto e Boneti (2009) categorizados em: 1) violência na escola; 2) violência da escola e violência contra a escola. A violência na escola se caracteriza como manifestações do cotidiano, praticada pela comunidade escolar e por pessoas da comunidade externa e estranhos, com ações de violência contra outros, algum grupo ou a si próprio. A violência contra a escola principalmente por atos de vandalismo, como incêndio e danos ao patrimônio. Por fim, a violência da escola seriam as práticas realizadas pela própria instituição que prejudicam seus membros, como os fracassos escolares, falta de interesse em permanecer na escola, a intimidação, ameaça e expulsão.

A violência na escola foi observada principalmente através do uso e tráfico de drogas dentro do espaço escolar, praticadas tanto por estudantes da própria escola como de agentes externos que entravam ilegalmente no espaço escolar, prática esta acompanhada de ameaças e incivildades contra o corpo administrativo e docente. Ademais, é importante pontuar que, apesar do CELV dispor de uma grande área escolar, durante esse período a escola passava por uma reforma, o que acabava por restringir bastante o espaço que estava sendo disponibilizado para as atividades escolares, tornando questões como as citadas bastante evidentes e pertinentes no cotidiano.

Nesse cenário, determinados edifícios, recentemente revitalizados e prontos para serem utilizados pela comunidade, foram danificados por indivíduos que acessavam os espaços da escola, bem como por alguns estudantes da unidade escolar, configurando-se como elemento de violência contra a escola. Concomitantemente, Priotto e Boneti (2009) apresentam um relato semelhante ao que foi observado no CELV, apontando a violência da escola como uma reação à violência na escola que estava acontecendo, ocasionando na transferência de alunos, evasão escolar e policiamento no interior da escola.

Com esses eventos, toda a dinâmica escolar foi perturbada, aulas foram interrompidas, professores não se sentiam seguros e constantemente estavam com o psicológico abalado após sofrer algum tipo de violência. Assim, progressivamente o ambiente escolar se tornava cada

vez mais violento, e em poucos meses culminou em diversas consequências: alunos que saíram da escola; pais preocupados com seus filhos; mudanças de gestão e afastamento de professores.

Esses processos destacam de forma evidente como ocorrências que anteriormente se restringiam principalmente ao ambiente externo agora também encontram espaço dentro das instalações escolares. Mesmo com as tentativas de estabelecer uma barreira entre o ambiente escolar e o mundo exterior, é inevitável que os elementos que circundam a escola, especialmente aqueles vivenciados pelos próprios estudantes, atravessem os limites do portão escolar. Como ressaltado previamente, os alunos não são cascas vazias que, ao cruzarem a fronteira da escola, abandonam suas crenças, desafios, aspirações e visões de mundo, no entanto, a escola é um terreno fértil que, cumprindo seu papel social, cria as condições propícias para a transformação das realidades.

Experienciar esses momentos foram profundamente enriquecedores para minha jornada de formação e para minha percepção da relevância intrínseca do bairro no contexto escolar. Compreender que, ao contemplar transformações e políticas que impulsionem o aprimoramento do ambiente educacional, é imperativo planejar atividades e estratégias que incorporem o bairro e toda a sua comunidade. Isso significa ir além da concepção tradicional de escola como mero local de instrução de conteúdos, para reconhecê-la como um agente efetivo de transformação nas dinâmicas sociais e formativas.

Assim, possível que desenvolvimento de atividades que incentivem a participação ativa e a colaboração da comunidade no ambiente escolar, possibilitando estabelecer uma base sólida para a criação de uma relação de pertencimento entre o bairro e a escola. Produção de oficinas que os próprios estudantes possam liderar como parte de um projeto abrangente da escola, ou convidar membros da comunidade e familiares com habilidades especializadas para compartilhar seus conhecimentos, são formas de fomentar essa interação. Além disso, a organização de eventos culturais, como apresentações de poesia, música e dança, não apenas fortalecem a conexão entre a escola e o contexto local, mas também reconhecem e valorizam as ricas expressões culturais da região e as habilidades dos estudantes.

À luz do que foi apresentado, acreditamos firmemente que não apenas o reconhecimento, mas também a profunda integração entre a escola e a comunidade podem efetivamente colaborar para mitigar os fatores que alimentam a desigualdade social, resultando em oportunidades ampliadas, transformação social efetiva e sucesso educacional. Para alcançar tal objetivo, é preciso realizar estudos e projetos que fomentem essa interatividade e extensionalização do ambiente escolar, construindo uma escola não só para os estudantes, mas também para o microcosmo que é o bairro e comunidade em que está inserida.



Palavras-chave: Contexto Sociocultural; Violência Escolar, Bairro, Formação, Escola.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência a qual faço parte enquanto bolsista.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Josué Alencar. Como definir o bairro? Uma breve revisão. **Revista geotemas**, v. 1, n. 1, 2011.

CÁRDIA, Nancy; SCHIFFER, Sueli. Violência e desigualdade social. **Ciência e Cultura**, v. 54, n. 1, p. 25-31, 2002.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, v. 194, p. 136-162, 1996.

DE SOUSA, Maria Martins; SARMENTO, Teresa. Escola–família-comunidade: uma relação para o sucesso educativo. **Gestão e Desenvolvimento**, n. 17-18, p. 141-156, 2010

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Martins Fontes, 2000.

MACEDO, Adriana C. et al. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 35, n. 6, p. 515-522, 2001.

OBSERVASSA (Salvador). **Brotas**. Disponível em: <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/brotas>. Acesso em: 31 ago. 2023.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Rev. Diálogo Educ**, p. 161-179, 2009.

